



## TELEFONES CELULARES E AS NOVAS FORMAS DE CONCEBER O SOCIAL: APONTAMENTOS DE UMA PESQUISA

*MOBILES PHONES AND THE NEW WAYS OF CONCEIVING THE SOCIAL: NOTES OF A SURVEY*

**SCIRÉ, Claudia**

Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo  
E-mail: [claudia\\_scire@yahoo.com.br](mailto:claudia_scire@yahoo.com.br)

### RESUMO

Este artigo pretende discutir algumas das alterações que a dimensão informacional suscitou no debate de determinados conceitos sociológicos à luz do surgimento dos telefones celulares e suas conseqüentes mudanças nas práticas e relações sociais. Para tanto, busca-se, a partir de um exercício teórico e conceitual, apontar para novas reformulações tanto no plano conceitual como no campo das práticas sociais, das noções de redes, espaço, tempo e mobilidades.

### PALAVRAS-CHAVES

telefones celulares, rede, mobilidade, espaço, tempo

### ABSTRACT

This article aims to discuss some changes that the informational dimension raised in certain sociological concepts since the emergence of mobile phones and their resulting modifications in social practices and relations. From a theoretical and conceptual exercise we try to point the new reformulations in course, in the concepts of networks, space, time and mobility, both at the conceptual level and in the field of social practices.

### KEYWORDS

mobile phones, network, mobility, space, time.

## INTRODUÇÃO

Elemento da cultura digital de nossos dias, os telefones celulares têm se tornado objetos presentes em toda a vida social, em suas mais diferentes esferas. E este artigo procura discutir alguns dos processos em jogo nas sociedades informacionais, a partir do prisma que o uso dos celulares permite antever<sup>1</sup>.

Parte-se do pressuposto de que as sociedades contemporâneas têm sido atravessadas por processos que dizem respeito à instantaneidade, à velocidade na troca de informações, à conectividade constante e que colocaram em xeque algumas das noções que primam ou primaram as interpretações relativas à construção da realidade social. Vale ressaltar, porém, que não se trata de postular que esses fenômenos sejam consequências causais do uso dos celulares. A aposta foi elegê-los enquanto elementos privilegiados desta ampliada rede de relações, como se fossem as lentes a partir das quais torna-se possível visualizar determinados fenômenos.

Assim, o intuito deste artigo é apontar para o fato de que aí emergem novos elementos presentes na atual conformação social que merecem ser discutidos. Porém, a opção metodológica que resulta no material que aqui se apresenta (ao invés de descrever o celular e discutir as formas como a literatura trata deste artefato e seus usos) teve como objetivo colocar em pauta algumas questões trazidas pela compreensão inicial daquilo que o uso do celular é capaz de alterar nas próprias formas de se pensar a respeito dele e da sociedade. Essa afirmação encontra-se articulada a um posicionamento que defende que a dimensão informacional colocou em xeque a própria forma de construção e interpretação da realidade social que, agora, deve passar por revisões e recomposições a partir de elementos trazidos por este paradigma. Compreender algumas dessas alterações e as formas como é possível enxergar o fenômeno dos celulares a partir das mesmas é o desafio deste artigo.

Para tanto, buscar-se-á mostrar como os telefones celulares permitem pensar em determinados conceitos que, por sua vez, geram uma mudança de patamar epistemológico na forma como determinadas noções são construídas, articuladas e trabalhadas. Para tanto, optou-se por um recorte teórico que envolve as concepções de redes e ciberespaço. Trata-se de dimensões caras à compreensão da sociedade informacional e que, ao serem construídas e articuladas tornam possível desdobrar outras ideias que igualmente entram em jogo quando se busca uma compreensão mais ampla do que constitui a experiência social conformada pelo uso dos celulares.

Nesse contexto, especial atenção é dada às noções de mobilidade, tempos e espaços que ganham novos contornos interpretativos quando articulados às ideias de redes e ciberespaço. Como se verá, abrem-se outras possibilidades de encarar os movimentos, as noções socialmente construídas de tempo e espaço, bem como as formas de se lidar com elas<sup>2</sup>. Sendo assim, é no sentido de apontar para essas realidades dignas de interpretação e análise que este trabalho espera contribuir.

## Redes e ciberespaço: novos elementos conceituais presentes na sociedade da informação

Como visto na introdução, o pressuposto que pauta este trabalho é o de que para analisar as consequências atreladas aos fenômenos que se constituem a partir das práticas de uso dos telefones celulares é preciso, primeiramente, aceitar que, enquanto parte da bagagem trazida pelo paradigma informacional, há reconceituações em pauta nas formas como interpretamos e descrevemos a realidade social. É nesse sentido que buscaremos, aqui, entender como a teoria social tem encarado algumas mudanças trazidas pelo paradigma informacional. O desafio é articular a análise dos celulares à possibilidade de visualização e interpretação de novos conceitos que se delineiam.

<sup>1</sup> Parte do que é aqui apresentado é fruto de uma revisão de minha tese de doutoramento, que teve por objetivo analisar efeitos que estes aparelhos e seus usos geraram sobre a dimensão das práticas sociais (SCIRÉ, 2014).

<sup>2</sup> A escolha de tais noções, para além de seu grau de importância na própria teoria social, deve-se ao fato de que são elas as que mais espontaneamente surgiram ao se ter contato com as teorias que alimentam diversas discussões a respeito do que está em jogo na sociedade informacional, nos novos parâmetros de comunicação e nas formas de interação possibilitadas por artefatos como os celulares.

Tomemos inicialmente o conceito de sociedade da informação e algumas outras noções a ele atreladas<sup>3</sup>. Assume-se aqui que o mesmo refere-se ao momento no qual a informação e as tecnologias da informação e das comunicações ganham relevância a ponto de não ser mais possível pensar a conformação de relações sociais sem se referir a elas.

Se uma das consequências do surgimento de tecnologias de comunicação à distância e do aperfeiçoamento da rede mundial de computadores foi a geração de formas inéditas na comunicação e transmissão de dados, tais mudanças estão ancoradas no fato de que a codificação digital e a possibilidade de se estabelecer relações e troca de informações através de redes de conexão implicaram num processo de geração/transposição de dados para um outro formato, no qual devem ser armazenados, organizados e colocados em fluxo (VICENTIN, 2008). Nesse contexto, um conceito que ganha força e ajuda a descrever tal processo é o de rede.

Essa noção multifacetada faz referência não apenas a uma infraestrutura (geralmente composta por artefatos tecnológicos) que permite ligações, conexões, trânsito de dados entre diferentes elementos dispostos em um conjunto integrado de instâncias. Segundo autores como Latour (1991, 1992, 1994, 1999), é possível pensar a noção de rede como uma cadeia sociotecnicamente constituída por práticas e relações diversas, das quais humanos, ferramentas, elementos verbais, materiais, ações e discursos fazem parte. Desta composição que mobiliza coisas, pessoas e suas correlações resultaria uma totalidade sem unidade e tampouco pontos fixos, sempre aberta, capaz de crescer para todos os lados e direções e composta apenas por agenciamentos e linhas que se cruzam, formando cadeias de associações.

Neste contexto, a questão principal que está em jogo é a ideia de delegação de ações. Segundo o autor, esta composição envolvendo coisas, pessoas e suas co-relações coloca em jogo práticas de agenciamentos, uma vez que, em sua característica vinculante, os objetos técnicos dotam-nos de competências, constroem campos de ação possíveis, a partir destas cadeias de associações. A ideia de ator-rede apresentada por autores como Latour (2001, 2004) e Callon (2004) acopla-se, assim, à noção de sociedade informacional e ajuda a perceber como a velocidade no fluxo de informações, simultaneidade de tempos e espaços, múltiplos acessos, dentre outros, só se tornam possíveis porque há uma imensa cadeia multidimensional que faz interagir relações em diferentes intensidades que vão sendo alimentadas por práticas através de ligações, mensagens e navegação na Internet.

É como se esta grande rede formasse um conjunto capaz de acelerar práticas, jamais antes imagináveis. Donde a percepção de que as tecnologias da informação podem ser entendidas como tecnologias da inteligência.

Vale ainda dizer que a noção de rede, sob suas mais diversas conceituações, refere-se não apenas à rede mundial de computadores (Internet), mas envolve as redes outras (CANABARRO e BORNE, 2013). Cada um desses sistemas técnico-tecnológicos opera segundo padrões e arranjos de governança distintos (DRAKE e WILSON JR., 2008). Porém, o que é comum a eles é serem estruturas abertas baseadas numa lógica de flexibilidade, de modificação de conteúdos e de convergência a um sistema integrado. Contudo, nota-se como devido à sua extensa proliferação e utilização, as distintas conformações de redes passaram a operar de forma semelhante à Internet, que é hoje chamada a 'rede das redes' (CANABARRO E BORNE, 2013).

A compreensão do paradigma informacional através da noção de redes agrega também novidades à forma de se pensar a geração, o processamento e a circulação de informações. À medida em que informações, símbolos, imagens, relações e etc, transitam via conexões possibilitadas pelas tecnologias informacionais de maneira cada vez mais intermitente através destas redes, já é possível afirmar que se opera uma recodificação do mundo, que ganha formas diversas e extensões cada vez mais amplas a partir da digitalização. A ampliação da dimensão societária para esferas digitalizadas situadas para além do espaço físico tem sido compreendida, através de noções como espaço de fluxos (Castells, 1992), espaço virtual ou ciberespaço (GIBSON, 1984; LÉVY, 1999; KUEHL, 2009; CANABARRO e BORNE, 2013).

<sup>3</sup> Estaria além dos objetivos e do escopo deste artigo adentrar na discussão acerca da noção de sociedade da informação, suas distintas concepções, pois as denominações são inúmeras. Há quem fale em "sociedade da informação", "sociedade do conhecimento", "do aprendizado" ou, ainda, "sociedade em rede". Para entender cada uma destas conceituações, ver: Castells (1999), Stehr, (1994); Lastres e Albagli, (1999). Para discussões mais completas acerca dos termos, ver Araújo e Rocha (2009); Dziekaniak e Rover (2011).

Para Castells, o espaço de fluxos emerge composto pelo conjunto de elementos materiais que sustentam os fluxos informacionais e propiciam a articulação entre eles em tempo simultâneo. Embora não permeie toda a esfera da experiência humana na sociedade em rede, o autor salienta que a função e o poder em nossas sociedades tornam-se organizados no espaço de fluxos, espaço este que substitui cada vez mais o espaço de lugares (1992, p. 397).

Inaugurada pelo escritor William Gibson em seu livro de ficção científica *Neuromancer* (1984), o termo ciberespaço já ganhou inúmeras conceituações na literatura. Porém, apesar de distintas, grande parte delas toma o ciberespaço por “um domínio operacional marcado pelo uso da eletroeletrônica e do espectro eletromagnético com a finalidade de criação, armazenamento, modificação e/ou troca de informações através de redes interconectadas e interdependentes” (Kuehl, 2009, p. 29).

É preciso atentar, porém, como fazem Canabarro e Borne (2013), para a confusão semântica em torno de termos como ciberespaço e Internet. Segundo os autores, o ciberespaço, por excelência, é formado por diferentes sistemas que podem ser (mas não necessariamente são) conectados ao grande backbone formado pelas linhas de comunicação que sustentam o tráfego da Internet. Isso significa que, mesmo antes do advento da Internet, uma série de sistemas de telecomunicação já compunha o que convencionalmente chamamos de ciberespaço.

Pierre Lévy, por sua vez, atua para desconstruir a ideia de virtual – noção concebida em termos de uma oposição ao mundo real – em favor da ideia de ciberespaço. Enquanto produto da externalização de construções em espaços de interação cibernéticos, o ciberespaço teria se tornado aberto pela interconexão mundial dos computadores e de suas memórias (1999, p.92).

Lévy não postula, porém, uma substituição de um tipo de espaço (o possivelmente chamado “espaço real”) pelo outro (ciberespaço), mas aponta que recontextualizações se fazem necessárias no cenário atual. É ao lado desta visão que o presente trabalho se posiciona. Em outras palavras, acredita-se que não faz sentido falar em mundo virtual oposto ao real, uma vez que se trata de duas dimensões da mesma realidade.

Neste sentido, como mostra Laymert Garcia dos Santos (2003, p. 114), opor duas realidades e trabalhar em termos dicotômicos não ajuda em sua compreensão, pois “polariza os mundos e os diferencia negativamente”. Mais do que simplesmente dar conta do surgimento destes novos elementos conceituais e substituir termos, acredita-se que seja preciso indagar de que forma eles operam deslocamentos na teoria e colocam em cena uma série de discussões a respeito da própria forma de interpretar a realidade social neste novo contexto.

Nas palavras do autor, a chamada “virada cibernética”<sup>4</sup> – caracterizada enquanto um momento no qual tudo se reduz à informação, inclusive a própria natureza, que se encontra totalmente disponível aos processos de recuperação, processamento e armazenamento de informação – gerou um verdadeiro “deslocamento conceitual” nas maneiras de pensar a realidade social:

Para indagar como a sociologia da tecnologia pode abordar a realidade virtual no horizonte do século XXI, talvez seja melhor começar perguntando se o aparecimento de tal realidade tecnológica não afeta a própria noção de horizonte. Antes mesmo que uma disciplina procure compreender essa realidade no campo do saber, parece-me que deveríamos tentar perceber como a realidade virtual irrompe na realidade, deslocando horizontes. (SANTOS, 2003b, p.109).

Em suma, o que parece estar em jogo é uma mudança de patamar epistemológico na forma como a teoria social é capaz de articular questões que se colocam como pontos de partida para a construção de objetos e questões de pesquisa. Assim, embora a velocidade da produção, organização e liberação de fluxos de informações por redes de conexão, a aceleração dos processos de comunicação e a conformação de um espaço no qual tudo isso ocorre – o ciberespaço – constituam os conceitos-chave para se compreender os efeitos relacionados ao paradigma informacional, o intuito, aqui, é melhor compreender quais deslocamentos teóricos se fazem necessários para lidar com as novas questões que emergem.

<sup>4</sup> O termo não deixa de ser uma referência criada por Laymert Garcia dos Santos e que se baseia e ao mesmo tempo se contrapõe à noção de virada cultural (cultural turn), proposta por Jameson (1998).